

# Entrevista: “Marx definiu o Estado como um poder de servidão social e uma força que impede a plena emancipação do indivíduo”

[Josefina L. Martínez](#)

**A publicação em espanhol do livro de Marcello Musto, *Karl Marx, 1881-1883. A última viagem do mouro* (México, Siglo XXI, 2020) e sua recente tradução para o catalão (*L'últim Marx. Uma biografia política*, Tigre de Paper, 2021) reabriram o debate sobre o último período da vida e obra de Marx. A boa recepção deste livro em vários países – publicado em italiano em 2016, já traduzido em 15 idiomas – parece mostrar um interesse renovado por novas leituras da obra do revolucionário alemão. Entrevistamos Marcello Musto, autor de vários livros sobre a obra de Marx e professor de Sociologia na York University (Toronto).**

**Qual você acha que é a razão para esse retorno à obra de Marx no início do século XXI? E por que se concentrar agora no último período de sua vida?**

Nos últimos anos de sua vida, Marx mergulhou em muitas questões que, embora muitas vezes subestimadas, ou mesmo ignoradas pelos estudiosos de sua obra, são de crucial importância para a agenda política de nosso tempo. Entre elas estão a ecologia, a liberdade individual na esfera econômica e política, a emancipação de gênero, a crítica ao nacionalismo e as formas de propriedade coletiva não controladas pelo Estado.

Além disso, Marx investigou minuciosamente as sociedades extra-europeias e se manifestou inequivocamente contra os estragos do colonialismo. É errado sugerir o contrário. Isso ficou evidente graças aos manuscritos inacabados de Marx, recentemente publicados pela edição histórico-crítica de suas obras completas – o Marx-Engels Gesamtusgabe (MEGA 2) –, apesar do ceticismo que ainda está na moda em certos setores acadêmicos. Assim, trinta anos após o fim da União Soviética, é possível ler um Marx muito diferente do teórico dogmático,

economicista e eurocêntrico que foi criticado, durante tantos anos, por aqueles que não leram sua obra ou fizeram então apenas superficialmente.

Quase todas as biografias intelectuais de Marx publicadas até hoje deram peso excessivo ao exame de seus primeiros escritos. Por muito tempo, a dificuldade de examinar os estudos dos últimos anos de sua vida impediu o conhecimento das importantes conquistas que alcançou. Todos os biógrafos de Marx dedicaram pouquíssimas páginas à sua atividade após a dissolução da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1872, e quase sempre usaram o título genérico de "última década" para resumir essa parte de sua existência, em vez de investigar no que ele realmente fez durante esse período. Meu livro visa ajudar a preencher essa lacuna.

### **Colocando o foco no "último Marx", o que seus cadernos contribuem sobre as sociedades pré-capitalistas e seus estudos etnológicos?**

Entre 1881 e 1882, Marx fez notável progresso teórico em relação à antropologia, modos de produção pré-capitalistas, sociedades não-ocidentais, revolução socialista e concepção materialista da história. Considerou que o estudo de novos conflitos políticos e novos temas e áreas geográficas era fundamental para sua crítica ao sistema capitalista. Isso permitiu que ele se abrisse para novas especificidades nacionais e considerasse a possibilidade de desenvolvimento do movimento comunista de maneiras diferentes do que havia pensado anteriormente.

Os chamados Cadernos Antropológicos de 1881 – que são uma coleção de resumos anotados do livro *Ancient Society* (1877) do antropólogo americano Lewis Morgan e outros textos de história e antropologia – representam uma das investigações mais significativas do período final de sua vida. Esse trabalho permitiu a Marx adquirir informações particulares sobre as características sociais e instituições do passado mais remoto, que ainda não estavam em seu poder quando publicou *O capital* em 1867. Marx não se preocupava com a antropologia por mera curiosidade intelectual, embora o fizesse com uma intenção primorosamente teórico-política. Ele queria reconstruir, com base em um conhecimento histórico correto, a sequência com que, no decorrer do tempo, os diferentes modos de produção se sucederam. Isso serviu também para dar fundamentos históricos mais sólidos à possível transformação do tipo comunista de sociedade.

Perseguindo esse objetivo, Marx dedicou-se ao estudo da pré-história, o desenvolvimento dos laços familiares, a condição da mulher, a origem das relações de propriedade, as práticas comunitárias existentes nas sociedades pré-capitalistas, a formação e a natureza do poder estatal e o papel do indivíduo na sociedade. Entre as considerações mais sugestivas estão suas notas sobre a acumulação de riquezas, onde indicou que "a propriedade privada de casas, terras e rebanhos está ligada à família monogâmica". Como já havia sido argumentado no *Manifesto do Partido Comunista* (1848), isso representava o ponto de partida da história como "história da luta de classes".

Marx também prestou grande atenção às considerações de Morgan sobre a emancipação das mulheres. O antropólogo americano havia afirmado que as sociedades antigas eram mais progressistas do que as contemporâneas em termos de tratamento e comportamento em relação às mulheres. Na Grécia Antiga, a mudança de descendência de linha feminina para masculina era prejudicial à posição e direitos das mulheres e Morgan avaliou esse modelo social de forma muito negativa. Para o autor de *Ancient Society*, os gregos ainda eram "bárbaros, no auge de sua civilização, no tratamento do sexo feminino. A inferioridade lhes foi inculcada como princípio, a ponto de ser aceita como fato pelas próprias mulheres.

Pensando em contraste com os mitos do mundo clássico, nos Cadernos Antropológicos Marx acrescentou um comentário contundente: “A situação das deusas do Olimpo mostra reminiscências de uma posição anterior das mulheres. Mais livre e influente. A sedenta de poder Juno, a deusa da sabedoria que nasceu da cabeça de Zeus.”

**Talvez o único tópico conhecido do "último Marx" seja o debate sobre a comuna rural russa. É uma amostra do pensamento dialético e anti teleológico de Marx? Quais foram suas principais fontes teóricas nesse caso?**

A partir de 1870, depois de ter aprendido a ler russo, Marx começou a estudar seriamente as mudanças socioeconômicas que ocorreram na Rússia. Assim, ocorreu um encontro fundamental com a obra de Nikolai Chernyshevski – a principal figura do populismo (expressão que, no século XIX, tinha um sentido de esquerda e anticapitalista) naquele país. Ao estudar a obra de Chernyshevsky, Marx descobriu ideias originais sobre a possibilidade de que, em algumas partes do mundo, o desenvolvimento econômico tenha contornado o modelo capitalista de produção e as terríveis consequências sociais que ele teve para a classe trabalhadora da Europa Ocidental. Chernyshevski escreveu que qualquer fenômeno social não precisa necessariamente passar por todos os momentos lógicos da vida real de todas as sociedades. Portanto, as características positivas da comuna rural (Obshchina) tinham que ser preservadas, mas só poderiam garantir o bem-estar das massas camponesas se estivessem inseridas em um contexto produtivo diferente. A obshchina só poderia contribuir para um estágio incipiente de emancipação social se se tornasse o embrião de uma organização social nova e radicalmente diferente. Sem as descobertas científicas e as aquisições tecnológicas associadas à ascensão do capitalismo, a obshchina jamais se transformaria em um experimento verdadeiramente moderno de cooperativismo agrícola. Com base nisso, os populistas propõem dois objetivos para seu programa: impedir o avanço do capitalismo na Rússia e usar o potencial emancipatório das comunas rurais pré-existentes.

Embora isso seja desconhecido para a maioria dos estudiosos de Marx, o trabalho de Chernyshevsky foi muito útil para o autor de *O capital*. Quando, em 1881, Vera Zasulich lhe perguntou se a obshchina estava destinada a desaparecer ou se havia se transformado em uma forma de produção socialista, Marx tinha uma visão muito crítica dos processos de transição das formas comunais do passado para o capitalismo. Por exemplo, referindo-se à Índia, ele afirmou que a única coisa que os britânicos conseguiram foi “arruinar a agricultura nativa e dobrar o número de fomes e sua gravidade” e Marx não considerava o capitalismo uma etapa obrigatória para a Rússia. Ele não achava que a obshchina estivesse destinada a ter o mesmo destino que formas semelhantes na Europa Ocidental em séculos anteriores, onde a transição de uma sociedade baseada na propriedade comunal para uma sociedade baseada na propriedade privada havia sido mais ou menos uniforme. Ao mesmo tempo, Marx não alterou seu julgamento crítico sobre as comunas rurais russas e, em sua análise, a importância do desenvolvimento individual e da produção social, para a construção de uma sociedade socialista, permaneceu intacta. Para Marx, as comunas rurais arcaicas não eram um foco mais avançado de emancipação do indivíduo do que as relações sociais que existiam dentro do capitalismo.

**Este debate tem sido interpretado de várias maneiras. Por exemplo, a partir de uma leitura “terceiro-mundista”, foi proposto um Marx que em seus últimos anos rompe consigo mesmo e muda seu sujeito revolucionário. Qual a sua opinião sobre essas leituras?**

Nos rascunhos da carta a Vera Zasulich não há indícios de uma ruptura dramática de Marx com suas posições anteriores, como alguns estudiosos como Haruki Wada e Enrique Dussel pensaram detectar. Tampouco podemos compartilhar a perspectiva dos autores que sugeriram uma leitura de "terceiro mundo" do último Marx, segundo a qual os sujeitos

revolucionários não são mais os trabalhadores das fábricas, mas as massas do campo e da periferia.

De acordo com seus princípios teóricos, Marx não sugeriu que a Rússia ou outros países onde o capitalismo ainda era subdesenvolvido tivessem que se tornar o foco principal de uma explosão revolucionária. Tampouco pensava que nações com capitalismo mais atrasado estivessem mais próximas da meta do socialismo do que aquelas caracterizadas por desenvolvimento produtivo mais avançado. Em sua opinião, rebeliões esporádicas ou lutas de resistência não devem ser confundidas com o estabelecimento de uma nova ordem socioeconômica baseada no socialismo. A possibilidade que ele havia considerado em um momento muito particular da história russa, quando surgiram as condições favoráveis para uma transformação progressiva das comunas agrárias, não podia ser elevada ao status de modelo geral. Nem a Argélia dominada pelos franceses nem a Índia britânica, por exemplo, tinham as condições especiais que Chernyshevsky havia identificado, e a Rússia no início da década de 1880 não era páreo para o que poderia acontecer lá na Rússia dos tempos de Lenin. O elemento novo no pensamento de Marx era uma abertura teórica cada vez maior que lhe permitia contemplar outros caminhos possíveis para o socialismo que antes ele não havia considerado seriamente, ou considerado inatingível.

As considerações de Marx sobre o futuro da obschina estão no extremo oposto da equação do socialismo com as forças produtivas, concepção marcada por conotações nacionalistas e simpatias colonialistas presentes na Segunda Internacional e nos partidos social-democratas. Eles também diferem muito do chamado "método científico" de análise social predominante no marxismo-leninismo do século XX.

A ausência de qualquer tipo de esquematismo rígido e a capacidade de desenvolver uma teoria revolucionária dúctil – e nunca separada de seu contexto histórico – é útil não só para uma melhor compreensão do pensamento de Marx, mas também para recalibrar o compasso da ação política de Marx com as forças da esquerda transformadora contemporânea.

### **No final da vida, já bastante doente, Marx fez uma viagem à Argélia, pouco conhecida em sua biografia. O que o olhar de Marx contribui a partir daí?**

Em uma tentativa extrema de curar sua doença pulmonar, em busca de um clima temperado, Marx chegou à África em fevereiro de 1882. Ele se estabeleceu por 72 dias em Argel e este foi o único período de sua vida que passou fora da Europa. Quase nenhum biógrafo de Marx prestou atenção especial a essa jornada.

As terríveis condições de saúde impediram Marx de compreender plenamente a realidade argelina. Nem mesmo, como desejava, lhe foi possível estudar as características da propriedade comum entre os árabes. Ele já havia se interessado por esse assunto no curso de seus estudos sobre propriedade agrária e sociedades pré-capitalistas, iniciados em 1879. Escreveu então que a individualização da propriedade da terra, realizada ao longo do domínio francês, não apenas proporcionou um enorme benefício econômico para os invasores, mas também promoveu o objetivo político de destruir os fundamentos da sociedade argelina.

Marx estava muito angustiado por ter que abandonar à força qualquer tipo de atividade intelectual laboriosa. No entanto, apesar de suas doenças, entre as observações mais interessantes que conseguiu resumir nas cartas escritas em Argel, destacam-se as contra o

colonialismo europeu. Atacou furiosamente os violentos ultrajes e repetidas provocações dos franceses diante de cada ato de rebelião da população local, sublinhando que, em relação aos danos causados pelas grandes potências na história das ocupações coloniais, os britânicos e os holandeses, eles tinham sido ainda piores.

**Para concluir: nos últimos anos, Marx continuou a se envolver em polêmica com aqueles que pensam que é possível democratizar o estado capitalista. O que você acha?**

No final de sua vida, Marx voltou a estudar a origem e as funções do Estado. Através dos estudos do antropólogo Morgan e criticando o historiador britânico Henry Maine, Marx dedicou-se à análise do papel desempenhado pelo Estado na fase de transição "da barbárie à civilização" e às relações entre o indivíduo e o Estado. As últimas anotações de Marx de propósito estavam em continuidade com suas elaborações mais significativas do passado. Em *Sobre a Crítica da Filosofia Hegeliana do Direito Público*, de 1843, Marx havia escrito que os franceses estavam certos ao afirmar que "o Estado político deve desaparecer na verdadeira democracia" e em *A Guerra Civil na França*, publicado em 1871, ele havia representado o poder estatal como a "força pública organizada para a escravização social" ou como a "máquina do despotismo de classe".

Da mesma forma, nos *Cadernos Antropológicos* de 1881, Marx definiu o Estado como um poder de servidão social e uma força que impede a emancipação plena do indivíduo. Além disso, nesses estudos pouco conhecidos, ele insistia no caráter parasitário e transitório do Estado: "a existência, supostamente suprema e independente, do Estado é apenas uma aparência. O Estado, em todas as suas formas, é uma consequência da sociedade. Mesmo sua aparência não aparece até que a sociedade tenha atingido um certo estágio de desenvolvimento e desaparecerá novamente assim que a sociedade atingir um nível até então inatingido.

Essas reflexões parecem muito distantes do nosso tempo e da necessidade de intervenção do Estado para mitigar o domínio indiscutível do mercado. No entanto, nunca devemos esquecer que a sociedade socialista teorizada por Marx nada tem a ver com o estatismo dos chamados "socialismos reais" do século XX e que Marx sempre dirigiu uma dura crítica contra a esquerda que queria governar contente com fazendo meros paliativos às diretrizes econômicas e sociais do liberalismo. Por esta razão também Marx continua indispensável a todos aqueles que lutam para reconstruir uma alternativa emancipatória, e sua crítica política do comunismo de Estado e socialismos compatíveis com o liberalismo não é menos importante do que sua crítica econômica do modo de produção capitalista.

---

**Marcello Musto** é professor de Sociologia na Universidade de York (Toronto). Em espanhol, publicou *Karl Marx, 1881-1883. El último viaje del Moro* (Siglo XXI, 2020) e *Karl Marx. Biografía intelectual y política 1857-1883* (Fondo de Cultura Económica, 2022). Seus numerosos volumes editados incluem *Tras las huellas de un fantasma. La actualidad de Karl Marx* (Siglo XXI, 2011), *Los Grundrisse de Karl Marx. Fundamentos de la crítica de la economía política 150 años después* (Fondo de Cultura Económica, 2018), *De Regreso a Marx. Claves para el pensamiento crítico* (Bellaterra, 2020) e *Trabajadores del mundo, uníos! Antología política de la Primera Internacional* (Bellaterra, 2022). Seus escritos foram publicados em vinte e cinco idiomas e estão disponíveis em [www.marcellomusto.org](http://www.marcellomusto.org)

Publicado originalmente em <https://ctxt.es/es/20220101/Politica/38387/marx-libro-estado-marcello-musto-josefina-martinez.htm>